

Crise vive hora H, avaliam empresários

Arauivo

Helival Rios

São Paulo — O Brasil vive hoje um momento de profunda reflexão sobre a crise. Empresários, economistas e gente do governo começam a questionar, novamente, os mecanismos de política econômica em busca de soluções mais rápidas. O próprio presidente Collor parece estar refletindo intensamente sobre o atual momento, como fizeram alguns empresários que acompanharam o ministro João Santana, da Infra-Estrutura, durante sua visita ao 7º Salão Nacional dos Transportes (Transpo-91), um evento que, de certo modo, mostra que a crise não paralisou a capacidade de iniciativa do empresariado que vai à luta, mostrando novas tecnologias e atraindo milhares de potenciais compradores.

"Nós temos de pensar, refletir, tomar decisões rápidas, mas não podemos parar. Quaisquer que sejam as políticas adotadas, temos de buscar maior competitividade e uma cada vez maior modernização", diz o diretor para Assuntos Institucionais da Scania, Mauro Marcondez Machado.

A retomada do crescimento econômico num prazo mais curto, para o diretor da Scania e outros empresários, vai depender, em muito, do quê o governo fizer agora, no apagar das luzes de 1991. "Nós temos, aí, bons caminhos traçados, em termos de idéias e de mudanças estruturais. Mas não chegaremos a lugar nenhum se não tivermos a persistência, o espírito da perseverança", diz o presidente da Anfavea, Jacy Mendonça.

A médio prazo, essa política vai trazer resultados positivos, dizem os executivos das montadoras. O difícil, contudo, ou o mais difícil, é como conduzir as coisas nas sucessivas tempestades do curto prazo.

Para o ex-ministro Eduardo Teixeira e ex-integrante da ex-ministra Zélia, o governo atravessa, nesse momento, uma certa encruzilhada, depois de ter assistido, inoperante e de braços cruzados, a uma verdadeira onda de elevação das margens de lucros das empresas.

"O governo deixou que essa margem fosse puxada e só se deu conta disso quando o mal estava consumado. Diante disso, obteve-se um novo salto da inflação, difícil de ser remediado. Se houver uma flexibilização da política monetária e consequente queda das taxas de juros, o governo estará avalizando essas novas margens de lucros, aticando a fogueira da inflação. Para evitar isso, há que se manter os juros altos, que também não podem ser mantidos por muito tempo mais, sob pena de começar a gerar inflação de custo. É uma situação difícil, quase embarracosa", segundo reconhece Teixeira, e que está a exigir toda a cautela possível do governo. Mais que isso, ele recomenda o atual momento para uma profunda reflexão de modo a que o governo possa, novamente, conceber um novo projeto econômico. Ter algum projeto, para Teixeira, é melhor do que não ter nenhum do que ir remando o barco no rumo do ignorado.

Nesta parada para reflexão, com os diagnósticos divididos entre o medo do caos, o inconformismo com a mesmice das velhas fórmulas econômicas, é que o governo poderá buscar forças para soluções inovadoras que devolvam a vitalidade à economia do País, que parece ter tudo para entrar no Primeiro Mundo, "menos uma estratégia factível" — como disse o empresário Thiers Fattori, presidente da CNT.



Para Mendonça, os caminhos já estão traçados: agora é a hora do "espírito de perseverança"